

As padarias podem desaparecer

Membro ativo da categoria desde que nela ingressou em 1979, Luiz Gonzaga de Almeida já foi presidente da antiga associação e hoje é Presidente do Sindicato dos Panificadores do Estado de Goiás - Sindipão - um setor que emprega cerca de dezesseis mil pessoas no estado.

Dos seus 40 anos, 17 dos quais dedicados à panificação, já desempenhou atividades bancárias e cursou topografia, agrimensura e contabilidade. Nascido no município de Presidente Bernardes, em São Paulo, quando jovem foi transferido para Conceição do Araguaia e posteriormente para Goiânia, onde montou a panificadora na Praça do Avião, que funciona há 17 anos.

Em 1988, Luiz Gonzaga recebeu o prêmio de melhor panificador de Goiás e no último dia 8 de julho, durante a festa do Dia do Panificador, foi homenageado por seus companheiros de diretoria do sindicato e amigos de outros sindicatos e associações. Além de presidente do Sindipão, é secretário da Associação Brasileira da Indústria de Panificação, casado e pai de dois filhos, Victor Hugo e Daniela.

Nesta entrevista, ele fala das dificuldades da profissão, atentando para o fato de que o empresário da panificação tem de viver sem luxos e nenhuma padaria nova foi aberta desde 1986. Reclama que o governo dá pouco aumento - na medida em que reajusta violentamente seus preços e serviços - e prevê que, a continuar a atual situação, os panificadores desaparecerão.

- Até pouco tempo atrás, a atividade do panificador era tida como uma instituição familiar, que fazia parte do dia-a-dia das pessoas. Hoje os panificadores estão organizados em sindicato como empresários. O que há por trás dessa mudança?

Realmente, o padeiro era tido como que um parente, um amigo da família e isso ainda acontece. A única diferença é que ainda acontece. A única diferença é que a evolução dos meios de produção fez com que o panificador se tornasse um administrador polivalente, pois ele é, ao mesmo tempo, comprador, contador, pagador, caixa e balconista de sua padaria. Hoje, devido à política governamental, a rentabilidade é mínima e a classe não pode se dar ao luxo de ter um administrador para sua padaria, que é uma micro-empresa.

- Mas essa transformação, para um lado mais acentuadamente empresarial, não estrangulou um pouco a relação entre patrão e empregado?

Sim. A atual situação econômica-social fez com que as relações se transformassem. Antigamente, o relacionamento entre o panificador e seu empregado era baseada na amizade, num contato mais estreito. Hoje em dia essa relação ainda existe, mas o lado profissional prevalece. A defasagem salarial e a falta de critérios econômicos por parte do governo provocam uma situação em que empregado vê o patrão como alguém que lhe faz mal, já que o seu salário não é condizente com as suas necessidades, o que lhe causa sacrifícios e problemas. Só que o panificador também é trabalhador, tem problemas e sabe que a situação do funcionário é bastante difícil. No final das contas, ambos saem perdendo, mas quem sofre mais com o desvairio governamental é o empregado.

- A crise que atinge o setor se acentou no último governo. De que forma a crise econômica afeta o ramo de panificação?

As regras de produção do setor são determinadas pelo governador, pois o nosso carro chefe, o pão francês é tabelado. Depois de toda a defasagem de preço devido ao Plano Cruzado, nós domos chamados a negociar com o governo, que analisou as planilhas de custos e concedeu aumento no preço do pão exatamente de acordo com a planilha, sem nenhum lucro a mais. Só que 13 dias depois retirou o subsídio do trigo, o que afetou diretamente os panificadores. Depois veio o Plano Bresser e agora o Plano Verão, quando o governo liberou todos os preços depois do congelamento, principalmente os dele, menos o do pão. E quando o setor necessitava de reajuste de 87,2% para poder cobrir somente os custos, o governo concede aumento de 22%. Com isso aumentam ainda mais as distorções, o que certamente levará ao estrangulamento do setor.

- Como isso pode acontecer?

Para se ter uma idéia, desde 1986 não foi instalada nenhuma padaria em Goiânia. As já existentes, ou fecham ou mudam para outro lugar, a fim de empreender uma nova tentativa. Também não são feitos mais investimentos na modernização dos equipamentos e a conservação do maquinário utilizado em panificação é precária. O panificador não tem condições de investir e, a perdurar a crise e o achatamento econômico, a tendência é das empresas de panificação desaparecerem.

- Não há, então, nenhuma perspectiva para o setor?

Eu sou bastante otimista e creio que as coisas mudarão, principalmente com um novo governo que está para ser eleito. A nossa profissão é dura, difícil, mas as recompensas pessoais são o que nos mantém confiantes e trabalhando. O único bem remunerado é a gratificação pessoal. É gratificante saber que às primeiras horas da manhã, o consumidor poder ter à mão um alimento de boa qualidade e barato. Também é gratificante o contato com as pessoas, o conhecimento que se adquire com elas. Esse contato com o povo nos permite conhecer de perto os problemas da sociedade. Eu só tenho medo de que, com o estrangulamento do setor, um dia o consumidor não possa mais ter o produto em sua mesa, com a tendência do desaparecimento das padarias e a sua substituição por alimentos industrializados.

- Como foram esses 10 anos à frente da associação e do sindicato da categoria?

Desde rapaz, talvez pelo meu tamanho pouco exagerado (risos), eu sempre ocupei cargos de liderança nas firmas e bancos nos quais trabalhei, até montar meu próprio negócio. Além do conhecimento que se capta com o consumidor, também se aprende muito na associação. Num sindicato você lidera líderes e é preciso usar a democracia em sua plenitude. O sindicato deve lutar e defender os interesses do panificador. Apesar de mais de 12 anos de organização dos panificadores, a participação ainda fica um pouco aquém do que queríamos, mas já é uma boa participação. Cerca de 50% das padarias de Goiânia são filiadas ao Sindicato. A meta é continuar na labuta para que cada vez mais estejamos fortalecidos como sindicato, como empresários e cidadãos.